RELAÇÕES ENTRE O ILUMINISMO ALEMÃO E A CONCEPÇÃO GOETHIANA DE FORMAÇÃO

RELATIONS BETWEEN THE GERMAN ENLIGHTENMENT AND THE GOETHEAN CONCEPTION OF FORMATION

Abraão Lincoln Ferreira Costa¹

DOI: 10.26512/aguaviva.v3i1.12184

Recebido em: 20 mai. 2018

Aceito em: 25 jun. 2018

RESUMO: A genialidade encontrada em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, do pensador Johann Wolfgang Von Goethe, consiste exatamente na incomparável habilidade de delinear através do romance de formação [*Bildungsroman*] a construção do protagonista a serviço de uma outra dimensão humana, há bastante tempo esquecida. É diante disso que o presente artigo pretende analisar, enquanto uma das principais questões filosófico-literárias do século XVIII, os termos cultura [*Kultur*] e formação [*Bildung*], para então articulá-los com as considerações goethianas e a dos filósofos Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche. Assim, o principal interesse dessa investigação consiste em pensar como a ideia de formação [*Bildung*], até então vinculada ao projeto do vir-a-ser, foi sendo abandonada para então se produzir outro sentido de edificação do homem, desta vez associado aos interesses da vida moderna.

Palavras-chave: Goethe; Wilhelm Meister; Bildung; Kultur.

ABSTRACT: The genius found in *Wilhelm Meister's Apprenticeship*, by the thinker Johann Wolfgang von Goethe, consists precisely of the incomparable ability to delineate, through a bildungsroman, the construction of a protagonist in the service of another human dimension, long forgotten. It is against this background that the present article intends to analyze, as one of the main philosophical-literary questions of the eighteenth century, the terms culture [*Kultur*] and formation [*Bildung*], and then articulate them with Goethean considerations and those of the philosophers Immanuel Kant and Friedrich Nietzsche. Thus, the main interest of this investigation is to think how the idea of formation [*Bildung*], hitherto linked to the project of becoming, has been abandoned, and then another sense of edification of man is produced, this time associated with the interests of modern life.

Keywords: Goethe; Wilhelm Meister; Bildung; Kultur.

¹ Doutorando em filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e professor de Filosofia do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: abraaofilosofia@gmail.com

O célebre romance de Johann Wolfgang Von Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-1796), relata a história do protagonista marcado pelo seguinte dilema: embuir-se da grandeza do aristocrata, alcançando assim uma postura verdadeiramente digna da condição humana ou assumir os compromissos práticos e utilitários do mundo moderno? Essa questão - notadamente difundida por artistas e filósofos alemães do século XVIII - tende a nos levar à investigação do precioso termo/conceito de formação [*Bildung*] enquanto cultivo da alma por meio do ambiente cultural. Vale ainda destacarmos o quanto a cultura [*Kultur*] alinhada ao termo *Bildung* se tornou uma das características gerais do Iluminismo alemão, tendo sido claramente expressada pelo filósofo Immanuel Kant em *Was ist Aufklärung*, que metaforicamente aborda sobre a maturidade e o desenvolvimento do indivíduo para descrever as aspirações intelectuais da sua época.

Em linhas gerais, vemos que essas aspirações intelectuais influenciaram vários pensadores do seu tempo, produzindo, dessa maneira, uma forte reação contra a universalidade e o cosmopolitismo, comumente difundidos entre os filósofos ingleses e franceses. Diante desse panorama, o presente artigo propõe aprofundar os elementos do pensamento alemão mostrando em que medida se tornaram capazes de refletir na produção filosófico-literária europeia do século XVIII. Com isso, veremos ainda o quanto as características da sensibilidade romântica, juntamente com a defesa por uma atitude rebelde, mantiveram-se relacionados aos valores convencionais da cultura germânica.

O sentido de formação [*Bildung*] pensada no século XVIII, graças aos conhecimentos adquiridos pela cultura clássica, é notório em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Neste romance de formação [*Bildungsroman*], o protagonista Wilhelm Meister, embora não pertencendo a uma linhagem nobre, possui grande anseio por desenvolvimento pessoal. Diante de uma sociedade disposta a criar todos os tipos de obstáculos para impedi-lo de atingir sua meta, a personagem de Goethe encontrará no teatro a solução possível para cumprir este desígnio. Somente na interpretação de peças, como a de *Hamlet*, o ator conseguirá absorver o espírito da nobreza, ainda que modificado, durante a representação de suas personagens. Ao considerarmos o sentido pedagógico deste romance, vemos o quanto a educação clássica, mesmo desprovida de qualquer pretexto pragmático, conseguiria mostrar algum proveito social. Isto vemos nas palavras de Goethe (2009, p. 187):

[...] Nascimento, condição social e fortuna não são contraditórios com o gênio e o bom gosto, e isso nos ensinam as nações estrangeiras, que entre seus melhores talentos contam um grande número de nobres. Se até o presente era tido como um milagre que na Alemanha um homem de berço nobre se dedicasse às ciências, e se até o presente poucos foram os nomes célebres que se tornaram mais célebres ainda por sua inclinação à arte e à ciência; se, ao contrário, muitos se destacaram da obscuridade e surgiram qual estrelas desconhecidas no horizonte, isso nem sempre será assim, e se não estou muito enganado, a primeira classe da nação está em via de servir-se também de suas vantagens para conquistar no futuro a mais bela coroa das Musas. Daí por que nada me causa maior desgosto que ver não só o burguês zombando amiúde do nobre que sabe apreciar as Musas, mas também pessoas de posição, com um humor leviano e uma alegria insidiosa, com que jamais deveríamos concordar, procurando desviar seus semelhantes de um caminho em que honra e satisfação estão à espera de cada um.

Goethe, assim como muitos artistas e filósofos do século XVIII, esteve submerso na tarefa de alinhar a formação [*Bildung*] com uma cultura [*Kultur*]² de tipo superior. Mas, afinal, qual seria o verdadeiro significado disso? Para entendermos melhor, é preciso reiterar que os sentidos da *Bildung* e da *Kultur* se contrapõem ao conhecimento prático largamente difundido a partir do século XIX. Fritz K. Ringer indica na décima quinta edição da enciclopédia clássica *Der Grosse Brockhaus* como o significado de *Bildung*: a construção de um indivíduo, tendo por base uma personalidade de amplo valor: na qual haja, concomitantemente em sua força mental e pessoal, a conquista do entendimento e a vivência dos valores sempre alcançados numa cultura elevada e, por fim, “unidade interior e firmeza de caráter” (RINGER, 2000, p. 95).

De maneira inovadora dentro da literatura alemã, Goethe analisa a sociedade do tempo em que viveu, desenvolvendo como tema principal o problema da formação [*Bildung*] do ser humano, do vir-a-ser sob condições verdadeiramente tangíveis. Assim como aquilo que já ocorria na França através de autores como Flaubert e na Inglaterra, do já então consagrado William Shakespeare, *Os anos de aprendizado* representa para a literatura germânica o primeiro romance de formação [*Bildungsroman*] marcando, por conseguinte, um novo paradigma literário a se tornar objeto de referência para muitos estudiosos da cultura alemã, a exemplo de

² A palavra alemã *Kultur* foi adaptada de *cultura animi* de Cícero por Samuel Pufendorf e Gottfried von Herder. Até os últimos anos do século XVIII, continuou estreitamente relacionada ao conceito de *Bildung*. Tinha o significado de cultura pessoal; referia-se ao cultivo da mente e do espírito. Depois, gradativamente, passou a ser usada nos círculos alemães cultos em seu sentido mais geral de síntese de todas as realizações do homem civilizado na sociedade. (RINGER, 2000, p. 96.)

Friedrich Nietzsche.³ O romance remonta às características dessa formação [*Bildung*], bem como à necessidade de um ambiente cultural onde somente em condições apropriadas a potencialidade humana pudesse aflorar. Diante disso, havia interesse de muitos na renovação da cultura alemã, de modo a assemelhar-se com a mesma riqueza da cultura grega, pois somente livrando-se das amarras que foram alojadas nos estabelecimentos de ensino da época, seria possível alcançar o sentido pleno de uma formação de caráter *neohumanista*. Como confirma o filósofo Nietzsche (2012, p. 98):

Uma renovação e uma purificação verdadeiras do ginásio só virão de uma renovação e de uma purificação do espírito alemão que sejam profundas e poderosas. Misterioso e difícil de compreender o laço que une verdadeiramente o ser profundo da Alemanha e o gênio grego. Mas, enquanto a necessidade mais nobre do verdadeiro gênio alemão não procurar a mão deste gênio grego como firme apoio no rio da barbárie, enquanto este espírito alemão não exprimir aquela nostalgia angustiante pelos Gregos, enquanto a perspectiva da pátria grega, penosamente alcançada, fonte de leite para Goethe e para Schiller, não se tiver tornado o lugar de peregrinação dos homens melhores e mais bem dotados, nesse caso, o ginásio se proporá na cultura clássica um objetivo incoerente, que flutua ao sabor dos ventos: e pelo menos não se deve censurar aqueles que desejam introduzir nos ginásios, ainda que com um espírito tão limitado, o cientificismo e a erudição, para assim ter diante dos olhos um objeto real, sólido e ao mesmo tempo ideal, e salvar seus alunos das seduções deste brilhante fantasma, que se faz chamar agora de cultura e educação.

Organizado de forma magistral, o que coloca a obra no mesmo patamar de qualquer outro clássico da literatura universal, Goethe descreve em oito livros a trajetória de vida da personagem Wilhelm Meister ao longo de aproximadamente dez anos (1770 a 1780), a começar do início da juventude até o auge da vida madura no interior da Alemanha. Repleto de várias aventuras, juntamente de encontros e das decepções amorosas, destacando a infelicidade do primeiro amor com Mariane, a história terá por fim o sucesso através de seu laço matrimonial com Natalia e o ingresso dentro de uma sociedade secreta. É preciso ainda reconhecer outros elementos importantes, tais como as manifestações teatrais do século XVIII, as encenações na

³ Nas cinco conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, bem como nas *Considerações Extemporâneas*, Nietzsche cita inúmeras vezes Goethe, a fim de demonstrar o quanto o autor alemão tonou-se incontestável referência para se estudar não somente o conceito de uma formação de caráter humanista, mas também para se pensar a sociedade alemã entre a metade e o final do século XVIII.

corte, as marionetes, as companhias itinerantes e a atmosfera misteriosa presente em diversas passagens.

Por conta disso, não é possível deixar de depreender a homenagem de Goethe a Shakespeare, quando é vista em alguns capítulos a identificação do protagonista com *Hamlet*, que motivou James Joyce a declarar em *Ulysses*: “E temos, não temos?, essas páginas sempre do Wilhelm Meister? Um grande poeta sobre um grande poeta irmão. Uma alma hesitante armando-se contra um mar de dificuldades, dilacerada por dúvidas conflitantes, como se vê na vida real”.⁴

A despeito dos aspectos filosóficos ou da inovação estético-literária, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* conquistou lugar entre as célebres obras universais ao apresentar, conforme dissemos, um sentido de formação [*Bildung*] que passaria cada vez mais a estar em desuso na Alemanha a partir do final do século XVIII. De acordo com certos tradutores, o termo *Bildung* é tão complexo quanto a palavra grega *paideia*. O termo alemão possui uma extensa história etimológica, a começar pelo reconhecimento do significado primeiro de *Bild* (imagem, imago) e estendendo-se na compreensão de reprodução por similitude, *Nachbildung* (imitatio): de acordo com Marcus Vinicius Mazzari⁵, nesse sentido original, o modelo de *Bild* (imagem) e da forma verbal *bilden* (formar) faz alusão com a ideia do Criador que “formou o homem à sua imagem e semelhança”.

O desuso do sentido da *Bildung*, pensada enquanto forma de potencializar e resgatar os valores humanistas, teve por justificativa um tempo em que o processo de unificação das províncias alemãs, e ao mesmo tempo o processo de modernização do Estado alemão exigia dos jovens outro tipo de formação. Desta vez, uma educação voltada para os valores burgueses que passaram a exigir dos alunos a aquisição de conhecimentos, a fim de torná-los úteis ao Estado e em condições de ganhar cada vez mais dinheiro. Portanto, a personagem Wilhelm Meister poderia representar uma forte crítica à ascensão dessa concepção de valores utilitários, conforme pensados pela sociedade burguesa. Afinal, era incoerente pensar nas condições de conciliar a prática burguesa, a qual o protagonista deveria assumir, com o seu impulso artístico e aventureiro que o levaria ao autoconhecimento. Por isso, “de que me serve fabricar um bom ferro, se o meu próprio interior está cheio de escórias?” Esta foi a pergunta feita por Meister a

⁴ A tradução é de Antônio Houaiss, que no original está: “And we have, have we not, those priceless pages of Wilhelm Meister? A great poet on a great brother poet. A hesitating soul taking arms against a sea of troubles, torn by conflicting doubts, as one sees in real life”.

⁵ Apresentação, p. 11. In: *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

Werner no momento quando o cunhado tenta convencê-lo a voltar para casa e reassumir os negócios da família.

No trecho marcante em que durante o espetáculo teatral o misterioso homem por detrás da personagem do Rei Hamlet se revela a Meister é quando vê-se encerrado o aprendizado do protagonista. “Estás salvo e a caminho de tua meta. Não te arrependerás de nenhuma de tuas loucuras, tampouco sentirás falta delas; não pode haver para um homem destino mais venturoso”. Palavras do *livro 5* que, representando o desfecho de todo o aprendizado, fizeram com que o romântico Novalis comparasse a história goethiana como uma espécie de laboratório alquímico da Idade Média, onde o alquimista, à procura do transmutar o chumbo em ouro pode, além disso, experienciar a graça de encontrar algo bem maior do que intencionava.

Como prova de que podemos materializar o romance goethiano, o historiador Fritz K. Ringer, escreveu em *O declínio dos mandarins alemães* sobre o estilo de vida germânico no mundo moderno. Contrário ao propósito do protagonista de Goethe, Ringer (2000, p. 30-31) nos mostra em sua obra o interesse de ascensão social de muitos jovens alemães ao estarem estimulados pelo modo de vida burguês e concomitantemente desinteressados numa formação de caráter humanista, até então imbuída da busca pela elevação do sujeito. Aquele que pretendesse chegar a algum progresso sem ser nobre deveria começar pela aquisição de conhecimentos, sobretudo, na área técnica, tornando-se assim “mão de obra” eficiente para o Estado. Já no final do século XVIII, a juventude alemã aprendia a dominar técnicas administrativas o que os tornavam imprescindíveis ao aparelhamento governamental. Logo, o tipo burocrata começava a progredir de acordo com seus conhecimentos técnico-administrativos, preservando o viés racionalista e previsível de suas ações. Características, sem dúvida, contrastantes com o romance de Goethe, pois, de acordo com Ringer (2000, p. 32):

O herói de Goethe não é um nobre; mas tem profundo anseio pelo desenvolvimento pessoal. Percebe que a organização tradicional de sua sociedade impedi-lo-á de atingir essa meta e sua única saída possível é ser ator. No cenário artificial do teatro, pode ao menos aproximar-se de seu ideal de maneira modificada, representando papéis. A antítese apresentada nessa história de ficção lança muita luz sobre a situação do intelectual burguês da Alemanha do século XVIII. Começa também a sugerir de que forma a “educação” clássica, sem qualquer utilidade prática, pode vir a ter algum sentido social.

Formar o homem plenamente, tornando-o tal qual ele é, tratar-se-ia do principal propósito apresentado nesse romance de formação. É com isso que o herói destaca fundamentalmente o sentido que a formação [*Bildung*] possui para sua existência e acredita durante o transcorrer da história ter achado a forma correta para alcançá-la. Na incursão ao teatro, o protagonista revela seus ideais como a autonomia, no sentido de formar-se a si mesmo; a totalidade, no sentido de formação plena e a harmonia, no sentido de formação harmônica. O crescimento íntegro no campo das artes, da intelectualidade e da espiritualidade revelam a potencialidade do herói – a concretização da sua devida capacidade humana quando demonstrada a sabedoria de vida da qual conquistara.

Passando para o célebre texto kantiano, *Sobre a resposta à pergunta*: o que é esclarecimento [*Aufklärung*] vemos como definição para o termo a saída de um estado de menoridade ou seja, de incapacidade diante dos diferentes problemas que envolvem a própria vida. Diante disso, por que não aproximarmos o sentido dessa reflexão com a questão fulcral concernente à obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*? É possível respondermos a isso a partir da importância que cada homem deve aprender a fazer acerca do bom uso do entendimento, ou melhor, se propor a autonomização moral e espiritual, coisa que enquanto sujeito tornar-se-ia tarefa essencial e, por conta disso, só pode ser alcançada por meio de uma autêntica formação [*Bildung*].

Para Kant, vícios como a covardia e a preguiça fazem-se obstáculos que impedem grande parte dos homens de chegar à liberdade e por que não dizer a uma formação [*Bildung*] elevada. Presos a essas intempéries, aceitam ainda assim de bom grado a condição limitada na qual se encontram - a comodidade de ser menor. Alguém que ao encontrar as comodidades do mundo moderno se abstém da obrigação de pensar preferindo deixar a cargo de outros a tarefa de pensarem sobre o que seja melhor para suas próprias vidas. “Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo”.⁶

O filósofo de Königsberg afirma ser naturalmente difícil nos desfazermos da menoridade, ou melhor, vir a nos desfazermos dos comodismos da modernidade. Tempos em que o impedimento para pensar por si mesmo ocorre com frequência. Depreendemos que se por um lado os avanços científicos e tecnológicos garantem importantes conquistas à humanidade,

⁶ *Resposta à pergunta*: o que é esclarecimento, p. 3.

por outro, representa a conformidade de um tempo em que as respostas podem ser apresentadas de maneira versátil, desobrigando-nos de darmos alimento ao espírito investigativo e a reflexão. Ainda que muitos homens se livrassem das amarras do comodismo não teriam segurança para se locomoverem rumo à liberdade. Sendo assim, poucos seriam aqueles capazes de revolucionar o próprio espírito e, por conseguinte, jamais liberados da menoridade com o honesto intuito de trilhar o caminho do vir-a-ser.

De maneira geral, o serviço público, ao influenciar a vida de muitas pessoas na sociedade, também acaba por fazer com que seus servidores se comportem de forma passiva, pois prestam em seus serviços obediência irrestrita ao Estado. “Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas deve-se obedecer”⁷. Ora, vemos nessa condição algo bastante contrário às intenções do herói de Goethe, bem como aquilo que veio a tornar-se um dos principais objetos de denúncia do mundo moderno feitas por Nietzsche nas conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*: um servidor público, formado de acordo com os interesses do governo, tornando-o simplesmente preocupado com a utilidade ao Estado e o maior ganho possível de dinheiro. Algo que não apenas recairia sobre o serviço público, mas sobre a religião e ciência, uma vez que o sacerdote está obrigado a apresentar seus sermões sempre de acordo com a determinação de uma doutrina que se encontra acima dele, e o cientista, ao assumir como a religião os mesmos interesses de uma verdade universal.

Assim, Kant (1990, p. 5) reforça que a conquista do esclarecimento [*Aufklärung*] consiste na capacidade do homem de superar esta condição da menoridade do qual ele próprio tornou-se responsável por contrair. Sendo assim, não pode haver perigo algum em permitir a si mesmo, e a aqueles que estejam sob nossa responsabilidade, fazerem uso livre da razão, conseguindo, dessa forma, expor abertamente as ideias sobre aquilo que entendemos ser o melhor para nossas vidas, ainda que isso resulte em consequências como as das duras críticas que surjam contra nós. Certamente, a tese kantiana depende de uma clara análise política no momento em que constata que o livre uso da razão e de toda e qualquer manifestação de cunho estético ou espiritual depende invariavelmente de um governo digno que garanta ao seu povo o direito de se expressar livremente. Embora o sentido de formação [*Bindung*] goethiana se remeta ao modo particular que cada indivíduo deve assumir, a fim de obter a conquista do vir-a-ser,

⁷ Resposta à pergunta: o que é esclarecimento, p. 4.

contudo, inferimos que a participação dentro de um ambiente onde as condições tipicamente republicanas propiciem o crescimento dessa formação é de inestimável ajuda.

Um governante esclarecido [*Aufgeklärt*] (1990, p. 6) não teme os desafios e dispõe de aliados em condições de assegurar o bem-estar público, ou seja, dando aqueles que desejam as condições para pensar livremente o quanto quiserem e sobre qualquer coisa que realmente queiram pensar. Nesse sentido, novamente depreendemos que heróis como Wilhelm Meister só poderão aflorar com toda potencialidade artística e, assim, contribuir para o fortalecimento da cultura [*Kultur*] no instante em que houver um grau elevado de liberdade civil, assegurando aos homens expandirem-se espiritualmente o tanto quanto eles necessitem. Com o menor intervencionismo do Estado na educação dos jovens e a garantia maior da liberdade para se criar, conseguiríamos identificar homens diferenciados, provenientes de uma seleção feita pela natureza, gerando, por conseguinte, grandes talentos, quer sejam para as artes ou para a ciência.

REFERÊNCIAS

GOETHE, J. W. V. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é Iluminismo. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1990.

RINGER, F. K. *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.

WEBER, J. F. *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*. Londrina: Eduel, 2011.

STIRNIMANN, V-P. Schlegel, carícias de um martelo. In: SCHLEGEL, F. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.